**Implicações do Sofrimento Ético-Político no suicídio: quando o ato está envolto na injustiça**

Antônia Tatiane Holanda Moura[[1]](#footnote-2)

Maria Zelfa de Souza Feitosa[[2]](#footnote-3)

**RESUMO**

Considerando que desigualdade social e suicídio são fenômenos que gradativamente vêm apresentando aumento estatístico significativo de ocorrência no mundo e não são problemas individuais, é necessário chamar atenção para como o sofrimento gerado pela dor da injustiça e da desigualdade social podem despotencializar o sujeito, contribuindo para seu entristecimento, de modo que possa chegar a considerar tirar sua própria vida. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apreciar as implicações do sofrimento ético-político no suicídio e os aspectos capazes de contribuir para transformar essa realidade de sofrimento. A partir da perspectiva qualitativa, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica e tem como base teórica a Psicologia Social de base Histórico-Cultural. Constatou-se na literatura que o sofrimento proveniente da situação de desigualdade social, em que o sujeito é tratado como inferior e inútil, gera afetos despotencializadores, os quais entristecem o sujeito e conduzem a passividade, alienação e situações de estresse continuado. Diante disso, é necessário ressaltar a importância de apoio e de políticas públicas direcionadas a essas situações, com o intuito de diminuir os impactos dessas condições de exclusão e evitar que esses sujeitos se tornem ainda mais vulneráveis ao sofrimento. Sendo assim, estar inserido em uma sociedade que exclui e que nega os direitos é gerador de imenso sofrimento algo que despotencializa e pode tornar a existência insuportável. Por outro lado, a potencialização dos afetos geradores de alegria e liberdade pode apontar caminhos no sentido de transformar a realidade desigual, aumentando a capacidade dos sujeitos agirem ativamente sobre ela.

**Palavras-chave:** Sofrimento Ético-Político. Suicídio. Desigualdade social.

**ABSTRACT**

Considering that social inequality and suicide are phenomena that gradually have a significant statistical increase of occurrence in the world and are not individual problems, it is necessary to draw attention to how the suffering generated by the pain of injustice and social inequality can depotencializar the subject, contributing to his Sadness, so that he might even consider taking his own life. Thus, the present study aims to appreciate the implications of ethical-political suffering in suicide and the aspects capable of contributing to transform this reality of suffering. From the qualitative perspective, the study consists of a bibliographical research and has as its theoretical basis the Social Psychology of Historical-Cultural basis. It has been found in the literature that suffering from the situation of social inequality, in which the subject is treated as inferior and useless, generates disfantential affections, which sadden the subject and lead to passivity, alienation and situations of continued stress. Therefore, it is necessary to emphasize the importance of support and public policies directed to these situations, in order to reduce the impacts of these conditions of exclusion and to prevent those subjects from becoming even more vulnerable to suffering. Therefore, to be inserted in a society that excludes and denies the rights generates immense suffering something that devalues ​​and can make existence unbearable. On the other hand, the enhancement of the affections that generate joy and freedom can point out ways to transform the unequal reality, increasing the capacity of the subjects to act actively on it.

**Keywords:** Ethical-Political Suffering. Suicide. Social inequality

**INTRODUÇÃO**

Deparar-se com uma situação que ameaça a existência e gera sofrimento, fatores que atingem todas as sociedades e tornam sujeitos fragilizados e impotentes, como a injustiça, a banalização dos direitos e da dignidade, foi o que instigou o interesse pelas interrelações entre sofrimento ético-político e suicídio, e fez surgir o desejo de aprofundar os conhecimentos e abordar a falta do apoio social e dos investimentos nas políticas públicas acerca dessa temática.

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (2012), no mundo ocorre, anualmente, quase um milhão de mortes causadas por suicídio, representando 11,4 mortes por cada 100 mil habitantes, gerando uma morte a cada 40 segundos, sendo que nesse mesmo período outras três pessoas tentaram se matar sem sucesso. Estima-se que em 2020, no mundo, “Um número dez a vinte vezes maior de pessoas tentará suicídio. Isso representa um caso de morte por suicídio a cada 20 segundos e uma tentativa de suicídio a cada 1 a 2 segundos.” (BERTOLOTE; FLEISHNANN, 2002 *apud* BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011, p. 238).

O suicídio no Brasil foi considerado pelo Ministério da Saúde um problema de saúde pública e, a partir disso, foi publicada a portaria n° 1.876 de 14 de agosto de 2006, tendo como um dos principais objetivos prevenir, informar e sensibilizar a sociedade de que o problema pode ser prevenido.

Visto que o assunto traz várias reflexões a respeito da vida e da morte, o suicídio segundo Durkheim tem por definição:

[...] todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado. (DURKHEIM, 1977).

O suicídio continua sendo um problema significativo social e de saúde pública. “Em 1998, o suicídio constituiu 1,8% da carga total de doença; estima-se que este número cresça para 2,4% até 2020 (BERTOLOTE, 2009, *apud* OMS, 2012, p.7).” Sendo assim, a partir dessa estimativa aumenta a necessidade de uma atenção voltada ao assunto, que possa interferir nesse dado de maneira a evitar que esses sujeitos fiquem cada vez mais vulneráveis a comportamentos suicidas. Tal atenção perpassa a discussão de diversos fatores que podem estar relacionados ao suicídio, já que esse fenômeno é multicausal, e, dentre eles, como propomos no presente trabalho, está o sofrimento proveniente da desigualdade e da injustiça social, pois

Embora o suicídio continue sendo um problema sério em países de economia elevada, são os países de baixa e média rendas que têm a maior parte de carga suicida global. São também estes países que estão relativamente menos equipados para impedir o suicídio (VIJAYAKUMAR, 2006, apud OMS, 2012, p.7).

Sawaia (2003) nomeia esse sofrimento de sofrimento ético-político e o define como aquele

[...] gerado por práticas econômicas, políticas e sociais que variam de acordo com as variáveis dominantes (uma ou mais de uma) no processo de exclusão social: raça, gênero, idade e classe. A força do sofrimento pode ser tão intensa que chega ao limite da recusa da vida ou morte em vida. (Sawaia, 2003, p. 56).

Sawaia (2001) cita, ainda, o “banzo”, doença misteriosa que matava o negro escravo no Brasil, para justificar esse sofrimento ético-político, pois “Ela é emblemática deste conceito, por indicar que um sofrimento psicossocial pode redundar em morte biológica.” (p. 104).

Considerando todas essas questões sociais e o dado de que nos países de baixa e média rendas o suicídio e a má distribuição de renda se fazem mais presentes, podemos dizer que o suicídio também tem relação com a distribuição desigual de renda e o sofrimento ético-político?

É preciso lembrar que a desigualdade social permite que muitas pessoas fiquem mais vulneráveis a um processo de exclusão social, causando desequilíbrio socioeconômico e negando-lhes a garantia dos direitos humanos básicos de um cidadão. Isto lhes priva da representatividade na sociedade e torna-os enfraquecidos e sujeitos ao auxílio de outros para garantir sua sobrevivência, intensificando a injustiça social que lhes consome e compromete sua dignidade.

Segundo Sawaia (2009), a desigualdade social é uma ameaça à existência, ela despotencializa, humilha de várias formas e causa sofrimento, levando esse sujeito a passividade e tudo isso repercute no corpo de forma que bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, causando grandes prejuízos, diminuindo nossa capacidade de agir e inibindo a potência da ação (SAWAIA, 2003). Para a autora, a afetividade como algo potencializador é essencial nas relações, é a base da organização social, podendo evitar que esse sujeito fique insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento do outro, promovendo auxílio para que o sujeito busque renovações diante das desigualdades e de suas possibilidades, como sentidos para mudar e recomeçar, sendo necessária para diminuir o sofrimento e o impacto no processo da exclusão social.

Diante do que foi exposto torna-se válido analisar o impacto social das emoções e dos sentimentos que afetam o corpo e a alma perante esse sofrimento, como essa vulnerabilidade social pode contribuir para o suicídio e quais as formas de sofrimento que podem concorrer para que esse indivíduo opte em pôr um fim a própria vida, levando em consideração as diferentes formas de lidar com as injustiças, com os afetos e com o sofrimento. Tomamos como base as colocações de Sawaia (2001), que apresentou relação entre o sofrimento ético-político e o suicídio. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo apreciar as implicações do sofrimento ético-político no suicídio e as categorias capazes de contribuir para transformar essa realidade de sofrimento. Leva-se em consideração, portanto, portanto, a dor que nasce da injustiça, dessa situação social de ser tratado como inferior, inútil, sem valor e, diante disso, o quanto o sujeito é desqualificado e afetado.

**METODOLOGIA**

Metodologicamente este trabalho constitui-se como uma Pesquisa Qualitativa. De acordo com Vilela Junior (2011), a pesquisa bibliográfica, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudos, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisa, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação e tem como objetivo, interpretar o fenômeno que observa, seus objetivos são: as observações, a descrição, à compreensão e o significado.

Não existem hipóteses pré-concebidas, suas hipóteses são construídas após a observação (ou seja, dá ênfase na indução). Não existe “suposta certeza” do método experimental. Neste sentido, quem observa ou interpreta (o pesquisador) influencia é influenciado pelo fenômeno pesquisado. (Vilela Junior, 2011).

O estudo qualitativo tem como intuito desvendar conceitos, discussões polêmicas e teóricas. Ao longo do trabalho serão ofertados ao leitor conhecimentos produzidos e divulgados por meio de artigos e livros das áreas social e da saúde. Com o propósito de aprofundar os conhecimentos sobre uma possível relação do suicídio com as injustiças, a partir do sofrimento ético-político, fundamentamos nossa pesquisa na Psicologia Social de base Histórico-Cultural. A priori foi utilizado como critério de seleção a necessidade do tema ser mais abordado e consistindo basicamente da realidade dos sentimentos associados ao sofrimento advindo da condição de exclusão, desigualdade e depreciação provenientes da injustiça social.

Esses artigos e livros foram utilizados com o propósito de atender os objetivos estabelecidos e com a intenção de que, uma vez que exista alguma relação entre o suicídio e as injustiças sociais, torne-se possível mensurar o alcance que esses podem atingir e a partir desses refletir sobre as contribuições das políticas públicas que são direcionadas para esses sujeitos que sofrem com as desigualdades.

As considerações a seguir foram fundamentadas com base em dados anteriormente coletados. Foram selecionados materiais sobre suicídio, desigualdade social, inclusão/exclusão e sofrimento ético-político, que explicam como essa vulnerabilidade pode impactar a sociedade e a importância desse tema ser mais abordado pela sociedade, como forma de garantir melhores condições a uma vida digna e saudável.

**Suicídio e a sociedade moderna**

Durkheim defendeu em seu livro “O suicídio”, de 1897, que o suicídio é um fenômeno social advindo de uma sociedade que perdeu seus valores tradicionais, seus objetivos e sua identidade, e conclui que o suicídio não se explica apenas pelos aspectos individuais e psicológicos, mas que resulta do meio social, ele dividiu o suicídio em três categorias: o egoísta (quando existem poucos laços sociais), o anômico (quando as normas da sociedade não correspondem aos seus objetivos de vida) e o altruísta (quando o indivíduo acredita que sua morte pode beneficiar a sociedade). Karl Marx por sua vez, em sua obra Sobre o suicídio de 1846, faz crítica a sociedade francesa, referindo-se as condições da vida moderna, que classificou como uma sociedade doente e desumana que necessita de uma transformação radical, para resolver tantas opressões.

Citando Rousseau, Peuchet e Marx descrevem a sociedade moderna como um deserto; um deserto habitado por bestas selvagens. Sem citar Hobbes, descrevem vidas que se deslindam no reino da hostilidade, cuja regra é a de todos contra todos. Nesse ambiente, restam aos indivíduos apenas duas alternativas: ser vítima ou carrasco (LÖWY, 2006, p. 16).

Por diferentes períodos e diferentes sociedades o tema suicídio vem sendo discutido, porém, a complexidade gera uma dificuldade de um comum acordo. “Os comportamentos suicidas são influenciados pela interação de fatores biológicos, genéticos, psicológicos, sociais, ambientais e situacionais (WASSERMAN, 2001 *apud* OMS, 2012, p. 9)”. Hoje, com base em dados da OMS (2012), o problema é visto como um transtorno psicossocial de diversas causas, em que fatores biológicos, psíquicos, sociais e culturais interagem de formas diferentes, e podem estar associados com um grande potencial para aproximar ou afastar as pessoas do abismo psíquico, e da dor psicológica insuportável.

Para Durkheim (2011, p.168), “[...] quando desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e se mata também quando está por demais integrado nela”. Percebe-se, nesse sentido, que o suicídio é um fenômeno complexo que está presente em todas as sociedades humanas e por sua vez envolve vários fatores, sendo assim, sabendo que tanto a absorção do indivíduo pela sociedade como o individualismo por excesso podem ter estreita ligação com o fenômeno suicídio, é fundamental compreender como a aproximação ou o afastamento do sujeito pela sociedade, associados à outros problemas, podem ameaçar a integridade do sujeito e favorecer para que o suicídio ultimamente assuma um aumento, nos possibilitando refletir se esse fato torna evidente um fracasso social.

De acordo com Sawaia, (2001, p. 67), “A humilhação os impede de aprofundar qualquer sentimento de pertinência a uma classe social: a categoria à qual pertencem é heterogênea, o que aumenta significativamente o risco de isolamento entre seus membros.” Referindo-se a essa situação de isolamento, de fato não se tem o mínimo de compromisso social com o sofrimento do outro e tudo isso vai privando algumas pessoas e contribuindo para que a desigualdade social vá se agravando gradativamente, deixando os elos cada vez mais enfraquecidos e causando grandes impactos, dentre esses impactos os emocionais.

A sociedade moderna na qual estamos inseridos é uma sociedade competitiva e perversa, que estimula o consumismo enquanto aumenta o desemprego. Indiferentes à dor do outro, a regra é consumir e buscar desenfreadamente por concentração de riquezas e bens, onde consumir é agregar valores e ser bom não é suficiente. Uma sociedade que cria uma ideia de inclusão e que acaba por excluir na medida que inclui. Isso reflete em uma sociedade esvaziada de sentido que influencia e estimula a desigualdade. Conforme Sawaia (2001, p. 8):

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

Muitas vezes essas inserções perversas desqualificam e podem assim proporcionar para que o sujeito perca o sentido de ser, tornando-o mais vulnerável ao sofrimento e sendo assim acarretando nele um sentimento de impotência, que ameaça sua relação com o outro e compromete sua existência. Questões essas advindas de uma sociedade que exclui e está esvaziada de sentido, além de interferir na relação do sujeito com o outro e comprometer sua integridade, segundo Sawaia (2001) é entendida como um descompromisso político com o sofrimento do outro, conforme Paugam “O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais constituem uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. (PAUGAM, 2001, p. 81)

É essencial pensar o sofrimento não somente do ângulo que leva o indivíduo ao suicídio, mas no sofrimento que fica como resultado do ato, seja por um membro da família ou amigo que enfrenta a dor de perder alguém querido, mas também as consequências sociais que tal ato provoca. Pois ao suicidar-se essa pessoa deixa para trás pessoas que ficam profundamente afetadas desde o ponto de vista emocional, social ao econômico. Contudo, fortalecer os vínculos pode funcionar como razão para continuar vivendo. Tanto em homens como em mulheres esse sentimento de utilidade, de produtivo, de estar engajado socialmente de alguma maneira pode servir como proteção contra o suicídio e evitar suas consequências.

Sobre fatores de proteção, Botega (2006) aponta alguns tópicos: bons vínculos afetivos, sentimento de integração a um grupo ou comunidade, religiosidade, estar casado ou com companheiro fixo e ter filhos pequenos. Esses tópicos podem servir como ajuda e proteção para que algumas pessoas não cometam suicídio.

Segundo Kovacs (1992), há uma maior autonomia a respeito do suicídio, não existindo mais castigo imposto pelo Estado ou religião. “Hoje a maior causa de suicídios, no Ocidente, é a solidão, o sentimento de irrelevância social. Houve um desmoronamento dos três pilares básicos da sociedade: família, Estado, e religião.” (KOVACS, p.169).

O que caracteriza uma vinculação estruturada ou desestruturada de uma instituição, é a maneira como os membros dessa, irão lidar com as dificuldades, tendo em vista que os problemas existem e que cada um tem uma forma peculiar de lidar com esses conflitos e distúrbios emocionais.

De maneira mais ampla, assim como algumas vezes a religião, a família, imuniza o indivíduo ao suicídio, o sentimento de “pertencer”, de formar vínculos também pode imunizá-lo. A pré-disposição ao suicídio aumenta quando nossas crenças e vínculos a algumas instituições estão enfraquecidas. O indivíduo identifica o sofrimento oriundo das contrariedades da vida, das desilusões e das instituições. No caso da instituição família, Cassorla (1984), em estudos com jovens entre 12 e 27 anos que tentaram suicídio, verificou que a perda precoce dos pais deixa os jovens com maior susceptibilidade a rejeições e uma menor capacidade de suporta frustrações.

Entretanto, podem-se observar os possíveis prejuízos que emergem e são originados como consequência da falência de uma dessas instituições e o quanto essas imposições sociais podem deixar esse sujeito vulnerável ao fracasso. Enfatizando um pouco a responsabilidade do Estado, falta políticas públicas direcionadas a essas pessoas que sofrem e que vivenciam essa angústia de tentar sustentar essa solidão e esse sentimento de irrelevância social.

As pessoas agem entre si como estranhas. Bauman (2013) vem falar da “inconsistência” das relações que com a pós-modernidade vem se agravando e provocando nas pessoas fragilidade em seus laços humanos, despotencializando as relações que cada vez duram menos e geram níveis de insegurança maiores, enfraquecendo o que já está fragilizado.

**Desigualdade social e o Sofrimento Ético-Político**

A desigualdade social é mais um fenômeno social, esse decorrente da má distribuição de renda e da falta de investimento nas áreas sociais, que intensifica a pobreza, a miséria e diferencia as pessoas no contexto da mesma sociedade. Esse problema pode acarretar vários outros problemas sobre o indivíduo, como medo, humilhação, sentimento de inferioridade e, consequentemente contribui para um forte impacto na vida do sujeito, causando ameaça que produz impotência e sofrimento à existência e provavelmente um esvaziamento de sentido de continuar lutando por ideais. A priori uma das desigualdades que mais atingem os sujeitos são os fatores que estão atrelados à questão da disparidade econômica que aborda a exclusão como sinônimo de pobreza, tendo essa situação um grande poder de excluir e despotencializar.

De acordo com Sawaia (2009) a desigualdade social se caracteriza por ameaça constante e permanentemente a existência, esse sentimento de inferioridade humilha, produz um intenso sofrimento e uma tristeza que se cristaliza em um corpo memorioso de geração em geração, e isso bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, rompendo os nexos entre mente e corpo.

A desigualdade é um desrespeito para com a maneira de viver e de se constituir do sujeito, algo que fomenta sofrimento e despotencializa, essa é uma realidade que gera inúmeros excluídos e miseráveis em todo o mundo e essas mínimas condições de vida humilham e tornam essas pessoas mais vulneráveis ao sofrimento e cada vez mais expostas a outras questões da desigualdade.

Muitas vezes esse sujeitos também são culpabilizados por sua situação social, classificados como resultantes de desordem, e da mesma forma favorece espaço para exclusão e dificulta que esse sujeito reflita sobre sua verdadeira condição social. De acordo com Sawaia (2001), ao falar sobre questões sociais é inevitável deparar-se com a afetividade, que frequentemente vista como negativa prejudica o conhecimento verdadeiro, causando desordem, e, desse modo cristaliza e age como desestabilizador da analise psicossocial da exclusão, e:

Uma vez olhada positivamente, a afetividade nega a neutralidade das reflexões cientificas sobre desigualdade social, permitindo que, sem que se perca o rigor teórico-metodologico, mantenha-se viva a capacidade de se indignar diante da pobreza. (SAWAIA, 2001 p.98).

Diante desse sofrimento algo fundamental para ser levado em consideração é sua ideia de humanidade, a maneira como esse outro é implicado por suas relações sociais e como essas emoções impregnam a sua existência, sabendo que esse é um indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não o determina, buscando sensibilizar-se e desnaturalizar os fenômenos sociais, ao perceber que falar de exclusão é falar de desejo, temporalidade, afetividade, poder, economia e de direitos sociais.

É no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. Mas ele não é uma mônada responsável por sua situação social e capaz de, por si mesmo, superá-la. É o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente. (SAWAIA, 2001 p. 99).

Sendo esses sujeitos afetado pelas emoções e pelas questões da sociedade, que dominam e muitas vezes causam sofrimentos, estando essas camufladas à condição humana, porém o conhecimento permite a percepção do mal que existe na sociedade. Sawaia (2001) traz que de acordo com Heller, Espinosa e Vigotsky a emoção positivamente é um fenômeno objetivo, que constitui a matéria-prima básica à condição humana, ou seja, a partir das manifestações históricas esse sujeito vai se constituindo.

Espinosa estabelece uma relação profunda entre corpo e alma no qual um não existe sem o outro e, que a partir das interações do nosso corpo com outros corpos ficam presentes na mente em forma de imagens, emoções e ideias.

Heller, filósofa neomarxista e leitora de Espinosa, enfatiza que a dor é própria da vida humana e está associada a sua capacidade de sentir, como mencionado antes algo que acontece da interação de um corpo com outros corpos. “O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais.” (SAWAIA, 2001, p.102). E, partindo da concepção de Heller (1979 *apud* SAWAIA, 2001), a dor é natural da condição humana algo que provém do encontro dos corpos, e só sabe o que é sofrimento quem vive em situação de exclusão, segundo a mesma devia ser sentido por todos para que esses pudessem se implicar mais com as questões da humanidade.

Sawaia (2001) cita o “banzo” como um fato histórico para justificar o conceito de sofrimento ético político e indicar que o sofrimento psicossocial pode resultar em morte biológica:

O banzo é gerado pela tristeza advinda do sentimento de estar só e humilhado, por causa de ações legitimadas pela política de exploração e dominação econômica internacional daquele momento histórico (Sawaia, 1994). Este mesmo sofrimento, mais recentemente, é responsável pela elevação do número de suicídio entre jovens índios de diferentes tribos brasileiras. (Sawaia, 2001 p.104).

Alguns desses sujeitos afetados pelas emoções causadas pela injustiça e pelo sofrimento estão fragilizados e são extremamente despotencializados ao ponto de faze-los perceber somente o fim desse sofrimento através da morte, sentimento produzido nesse sujeito pela humilhação que o impede de buscar estratégias e superar esses obstáculos, desconsiderando um possível progresso como porta de saída para o sofrimento.

Além dessas emoções esses sujeitos também podem ser afetados pelo estresse, portanto, não somente esses fatores podem gerar no sujeito tensão emocional e prejudica-lo na sua integridade, mas também o que Góis (2008), fundamentado numa visão de Caplan (1979), classifica como estresse continuado. O autor expõe que o estresse advém de um desequilíbrio de tentar atender demandas externas ao sujeito e suas próprias demandas, quando essas são contraditórias. No estresse continuado esse estresse é ampliado e constante, passa a ser altamente prejudicial gerando doenças e problemas psicológicos e sociais. Assim como os outros fatores citados, como a injustiça social e o sofrimento ético-político, o estresse continuado também afeta e enfraquece as relações. Portanto estimular esse sujeito para que o mesmo permaneça comprometido com a realidade e veja possibilidade de encontrar apoio social pode ser uma maneira de fazê-lo superar o sofrimento.

O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente, a dor que surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. (Sawaia, 2001, p.104)

Diante dessas marcas de mutilações no decorrer da vida do sujeito, torna-se necessário refletir como esse sujeito irá reagir a partir desses resultados das vivências e das questões sociais, embora essas não sejam determinantes para sua constituição, é válido compreender como esse sujeito percebe esse sofrimento de ser excluído. Sabendo que por trás desses fatos da integração social acarretar sérios problemas como a desigualdade social, a injustiça e a exploração, é importante ressaltar como o sofrimento ético-político retrata essas vivências, e como essa relação com o outro mesmo sendo crucial para sua constituição é ameaçadora, pois é nessa relação que na mesma medida que as questões individuais são valorizadas as questões do outro são banalizadas, entretanto, segundo Sawaia (2001) ao mesmo tempo que se valoriza o afeto e a sensibilidade individual, assiste-se a banalização do mal do outro e a insensibilidade ao sofrimento do outro.

Estarmos postos numa sociedade que nega nossos direitos, não tem compromisso com os mesmos, sutilmente despotencializa nossos desejos e nos afasta das questões públicas, portanto torna-se necessário refletirmos sobre as nossas implicações e responsabilidades com o sofrimento humano, no qual Sawaia (2001) faz uma ênfase do “eu” e do corpo desencarnado e solitário, mostrando a realidade da exclusão e a desvalorização que faz o sujeito enfrentar várias emoções como a tristeza e a solidão com ele mesmo, e isso sendo visto como algo ameaçador, insensível e despotencializador, é essencial para nos fazer refletir qual a nossa ligação diante dessa realidade e o nosso comprometimento para modificá-la. A desigualdade como algo que produz sofrimento e parece ser tão banalizado traz a necessidade de refletir estes problemas sociais e tentar tornar evidente alguns aspectos que possivelmente geram adoecimento nesses sujeitos e um certo esvaziamento de sentido, e, ao mesmo tempo cogitar suas representações para a sociedade, levando em consideração todo constrangimento e aflições que podem atingir a existência.

**Análises e Discussão dos resultados**

Os resultados encontrados mostram que apesar do suicídio ainda ser visto como tabu, o tema vem atraindo várias pesquisas que chamam a atenção para o assunto, porém foi possível observar que são poucas pesquisas que dão uma ênfase especifica as implicações do sofrimento ético-político para o suicídio, sendo esse o objetivo desse trabalho, e o de ressaltar importantes contribuições para reflexões relacionadas ao assunto. Sendo assim, com base em estudos sobre o sofrimento ético-político e em estudos sobre o suicídio, foi possível encontrar em um estudo que este mesmo sofrimento, mais recentemente, é responsável pela elevação do número de suicídio.

Refletindo uma correlação do sofrimento ético-político que abrange e mutila a vida de várias maneiras com o fato do suicídio que arma o sujeito contra si mesmo, foi possível encontrar relação na obra Sobre o suicídio, de Karl Marx, na qual o autor traz fatores desse contexto social que impulsionam esses sujeitos à sacrificarem sua própria vida:

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (Marx, 2006, p. 24-25).

Marx (1846), em sua obra “Sobre o suicídio”, enfatiza como causa de suicídio diversas desordens como a miséria, a injustiça social. Porém, sabe-se que independente da classe social em que se pertence, estar inserido em uma sociedade injusta, que humilha e nega os direitos, que retira o sentido da existência, é tornar a vida insuportável.

Considerando que o suicídio é um fenômeno presente em todas as sociedades humanas, do qual Durkheim (1897), defendeu que o fato é uma responsabilidade social e não individual. Foi possível observar as condições da sociedade moderna e como elas contribuem para o suicídio assuma uma intensidade nunca vista, pois viver em uma sociedade desumana que segundo Marx fere a todos, é algo despotencializador. Contextualizando o pensamento de Marx de uma sociedade que fere a todos, com a falta de investimento social e a forma como esses afetam o sujeito, foi encontrado que esses fatores são potentes para como risco para o suicídio quando o sujeito está fragilizado e ameaçado por várias questões.

Uma das possíveis explicações a essa relação, refere-se a desigualdade social, que ocorre como uma ameaça constante e permanente a existência sendo essa uma realidade que humilha e cristaliza muito sofrimento na vida do sujeito, onde muitas vezes esse sujeito já vem perpassando por desqualificações e desvalorizações, que lhe retiram forças para buscar transformações.

Com isso pode-se levantar a hipótese de que por menor que seja o sofrimento ele pode tornar a existência insuportável, pois estar posto numa sociedade que nega os direitos, que não tem compromisso com os mesmos e sutilmente despotencializa os desejos, e afasta o sujeito das questões públicas, é dar espaço a dor e ao sentimento de impotência e de incapacidade, possibilitando o sujeito ver a morte como solução.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Investigar sobre como esse sofrimento ético-político pode ter implicações para o suicídio é refletir também sobre um sofrimento que já existe no suicídio e que impede que o indivíduo se perceba capaz de enfrentar as dificuldades. Diante dos resultados e comparações de vários estudos foi possível observar as evidencias entre o sofrimento que desampara, enfraquece e deixa o sujeito sem perspectiva de futuro, pois os mesmos não percebem a capacidade que têm de lutar contra essas situações.

Tendo como principal objetivo investigar as implicações do sofrimento ético-político para o suicídio, foi possível fazer uma relação entre esses fatores que atrelados desencadeiam com grande proporção dor, angústia e desesperança, onde viver não é uma das melhores opções existente, porém, não se pode afirmar que somente quem vivenciam essas situações está predisposto ao suicídio.

Sendo o suicídio um fenômeno que vem tendo um crescimento bastante significativo e devastador é importante que o assunto seja mais abordado para que as conduta das políticas públicas sejam para capacitar e potencializar esses sujeitos para que os mesmos enfrentem o sofrimento causado pela injustiça e sejam motivados a darem novos destinos a suas vidas, evitando assim que esses busquem dá um fim a própria vida.

Realizar esse estudo com essa temática foi bastante desafiador devido à escassez de materiais direcionados ao assunto, portanto posteriormente seria interessante que novas pesquisas deem continuidade a investigação e abordem como a conduta das políticas públicas são capazes de potencializar esses sujeitos no sentido de superarem os sofrimentos causados pela injustiça.

**Referências bibliográficas**

BARBOSA, F. O.; MACEDO, P. C. M.; SILVEIRA, R. M. C. Depressão e o suicídio. **Revista da SBPH**, 14.1: 233-243, 2011.

BÔTEGA, N. J. WERLANG, B. S. G.; CAIS, C. F. S.; MACEDO, M. M. K. Prevenção do Comportamento Suicida. **Revista Psico**, Porto Alegre, v.37, n.3, p.213-220, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes brasileiras para um plano nacional de prevenção do suicídio**. Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006.

Silva, A. O. Karl Marx: sobre o suicídio. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 132, p. 124-127, 2012.

DURKHEIM, É. **O suicídio**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

GÓIS, C. W. L. Saúde Comunitária. *In:* \_\_\_\_\_\_\_\_. **Saúde Comunitária:** Pensar e fazer. São Paulo: HUCITEC, 2008. p. 103-140.

LUCIANA, C. Com sem saída. **Unespciencia**, n. 13, pag 30-35, out, 2000.

MORETTO, C. C e TERZIS, A. O sofrimento nas instituições e possibilidades de intervenção grupal**. Arquivos brasileiros de psicologia.** v. 62, n. 3, p. 42-4, 2010.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**. 2009, vol.21, n.3, pp. 364-372.

RODRIGUES, Marta M. Assumpçao. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 4, 2009.

SANTOS, F. M. A Importância da Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem como Mediadora da Práxis Educativa no Ensino Superior. **Revista UNI**, 2 (2), p. 111-122, 2012.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**; 21(3), p. 364-372, 2009.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In* \_\_\_\_\_\_\_ (Org.). **As artimanhas da exclusão**: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.pp. 97-119.

TORO, G. V. R.; NUCCI, N. A. G.; TOLEDO, T. B.; OLIVEIRA, A. E. G.; PREBIANCHI, H. B. O desejo de partir: um estudo a respeito da tentativa de Suicídio. **Psicologia em Revista,** 19(3): 407-21, 2013.

VENCO, S.; BARRETO, M. O sentido social do suicídio no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 108: 1-8, 2010.

**Anexo**

É opcional. Documentos agregados à obra para fins de comprovação de dados ou ilustração.

**Apêndice**

É um item opcional. Trata-se de uma listagem que contém as palavras desconhecidas ou de sentido obscuro, com seus significados.

**Glossário**

É opcional nas Normas ABNT – São documentos agregados à obra para fins de apoio à argumentação. Nesta parte são incluídos os questionários, entrevistas, tabulação de dados, etc.

1. Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade de Tecnologia Intensiva – FATECI. E-mail: [↑](#footnote-ref-2)
2. Professora orientadora. Mestre em Psicologia. Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Tecnologia Intensiva – FATECI [↑](#footnote-ref-3)